

Ciências Humanas

FILOSOFIA

Módulo 4

Unidades 7 e 8

2

Unidade 7

<pág. 5>

As diferenças entre ética e moral

Para início de conversa...

A vida humana não se desenvolve somente na sua dimensão teórica. É mais que óbvio que todos nós teorizamos sobre uma diversidade de coisas. Pensamos sobre o sentido da vida; vamos a uma palestra aprender sobre a teoria de um novo autor; estudamos diversos pensadores e descobrimos a riqueza de suas doutrinas e teorias. Entretanto, nossa vida

possui outras dimensões que nada têm a ver com essas teorias. Quando vamos ao mercado, nossa razão está atuando, mas não teoricamente. Estamos pensando em nossos gastos, na promoção, no melhor produto etc. Nessas ocasiões, nossa razão está a serviço da prática. Muitas são as nossas práticas. Praticamos exercícios, compras, esportes, dirigimos carros, caminhamos com amigos, vamos ao banco... Mas uma das práticas que mais desempenhamos tem um outro sentido. Trata-se daquilo

4

que se chama de moral. Praticamos diariamente diversos atos morais. Esses atos são fundamentais para nossa vida em sociedade e para o modo como nos orientamos como indivíduos. Mas, o que é moral? Por que ela é tão importante em nosso dia a dia?

A palavra moral deriva das palavras *mos* e *moris* (em Latim), que significam *costume*. Como podemos perceber, nossa vida é orientada por diversos costumes. Temos costumes que regulam as roupas que vestimos (se vamos a uma igreja, os nossos costumes

sociais não nos permitem usar sunga), o tipo de palavras que usamos em diversas ocasiões (se estamos conversando com um amigo, não o chamamos de “Excelência” ou “meu senhor”), os nossos gestos (em uma audiência, na presença de um juiz, não fazemos gestos grosseiros, como sinais com as mãos que indiquem um xingamento), além de outros comportamentos.

<pág. 6>

Mas, a moral refere-se a um outro tipo de costume. Trata-se de costume que diz respeito aos valores de bem e mal. Esses valores fundamentais estruturam outros, como: justo/injusto, certo/errado, digno/indigno etc. Costumes morais são aqueles que se relacionam com os modelos de bem e mal da nossa sociedade. Por isso, todos os dias emitimos julgamentos morais em relação aos nossos comportamentos e aos comportamentos dos outros. Em outras palavras:

estamos sempre avaliando os nossos atos e os atos dos outros segundo os valores de bem e mal da nossa sociedade. Nem sempre nós concordamos com os padrões morais da nossa sociedade. Muitas vezes, nós os confrontamos e criamos valores morais diferentes. Isso mostra que a moral aparece em dois setores da vida humana: o âmbito individual e o âmbito social. Mais que isso. Pode dizer que há uma moral individual e uma moral social. Vejamos.

Quando nascemos, nossos pais, professores,

8

familiares etc. passam-nos, aos poucos, os valores morais da nossa sociedade. Quando os pais dizem aos filhos: “Isso pode; isso não pode”, eles estão educando moralmente os filhos, pois estes estão assimilando os costumes morais da sociedade em que vivem. A moral social é justamente o conjunto de todos os comportamentos e valores morais (bem e mal) que são impostos a todos os indivíduos de uma sociedade. Não há indivíduo que não sofra a influência da moral social. Isso vale para qualquer sociedade: capitalista, comunista,

cristã, muçulmana, judaica etc. Mas, não quer dizer que todos os indivíduos de uma sociedade assimilem a moral social da mesma forma.

O ser humano não é obrigado a seguir, como se fosse um animal domesticado, tudo o que a moral social obriga-o a fazer. Os adolescentes, por exemplo, muitas vezes fazem o contrário do que os pais, professores e sociedade esperam. Eles afrontam a moral social e não aceitam seus valores de bem e mal. Isso não acontece somente com os

10

adolescentes. Todo indivíduo pode se voltar contra a moral social e escolher outros valores morais para orientar sua vida ou criar valores morais que ainda não existem. As mulheres, na década de 1960 (assim como os homossexuais), questionaram diversos valores da moral social. Quiseram usar métodos contraceptivos, reivindicaram o direito ao trabalho, inventaram novos valores morais para sua sexualidade, dentre outras coisas. Elas só puderam agir assim porque não repetiram a moral social. Isso nos faz

entender o que é a moral individual. Moral individual é o modo como o indivíduo assimila os valores da moral social e relaciona-se consigo e com a sociedade. A moral individual pode ou não aceitar como legítimos os comportamentos e costumes da moral social. Em outras palavras: apesar da moral social ser a mesma para todos os indivíduos de uma sociedade, a moral individual não é necessariamente a mesma. Cada indivíduo pode assimilar a moral social de uma maneira e lidar com os

12

costumes de modo diferenciado.

<pág. 7>

Saiba Mais

Johann Moritz Rugendas:



***Danse de la Guerre* de 1835**
A história da capoeira é um bom exemplo da relativização de costumes,

daquilo que é visto como certo e errado, do que pode ou não pode. Desenvolvida no Brasil, a capoeira é uma mistura de arte marcial, com música e dança. Surgiu como técnica de combate dos escravos em sua resistência à escravidão e tornou-se uma marca da resistência das populações de origem africana. A prática da capoeira, hoje vista como uma saudável atividade esportiva e cultural, foi prática criminalizada durante a época da república velha. Você pode ver o decreto que criminaliza a capoeira (o

14

Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890) na página a seguir:

**http://pt.wikisource.org/wiki/C%C3%B3digo_penal_brasileiro_-_proibi%C3%A7%C3%A3o_da_capoeira_-_1890

Apesar de todos os indivíduos agirem moralmente, alguns refletem filosoficamente sobre a moral. Por que alguns comportamentos são considerados morais e outros não? Quando é que nós podemos dizer que alguém está sendo imoral? E se nos forçarem a fazer algo que não queremos, estamos

agindo moralmente? Quais os valores morais de uma sociedade podem ser preservados e quais devem ser mudados? Quando a filosofia estuda a moral, surge a ética. Ética não é a mesma coisa que a moral. Ética é a reflexão filosófica sobre a moral humana. Ela reflete sobre os conceitos de bem e mal, sobre as condições que fazem com que um ato possa ser considerado moral e propõe criticamente normas morais. Como os valores morais são históricos (eles mudam com a história das sociedades), a ética é também histórica. A

16

filosofia refletiu de diversas formas a experiência moral do homem ocidental. Por isso, existem diversas éticas, ao longo da história. Devemos, aqui, estudar suas principais características.

<pág. 8>

Objetivos:

.Diferenciar ética e moral.

.Caracterizar a concepção ética aristotélica.

.Caracterizar a concepção ética agostiniana.

.Caracterizar a concepção ética kantiana.

.Identificar elementos responsáveis pela crise da moral moderna.

.Definir niilismo. Ciências Humanas e suas Tecnologias

<pág. 9>

Seção 1

Os gregos e a ética das virtudes

Como vimos, a ética estuda filosoficamente o comportamento moral do ser humano. Neste sentido, os primeiros a construírem uma ética foram os gregos. Isso não é difícil de

18

entender. A filosofia, como já vimos, nasceu na Grécia. Por isso, a ética, que também é uma parte da filosofia, nasceu com os gregos. Ora, como foi falado em nosso primeiro módulo do estudo, o objeto principal da filosofia grega era a *natureza*. Neste sentido, os gregos pensaram o ser humano e seus comportamentos a partir da concepção de natureza. Dependendo do modo de como era pensada a natureza humana, surgia para eles uma determinada maneira de pensar a ética. Foi assim, por exemplo, com Platão (427-347 a. C.). Ao

pensar o ser humano como a junção de corpo e alma, Platão mostrou que os comportamentos morais do ser humano deveriam ser orientados pela razão, pois somente ela pode conhecer o que é o Bem e é somente o Bem que deve orientar as ações morais do homem. No entanto, o corpo interfere nas ações humanas através das paixões que ele sente: ódio, repulsa, ressentimento, raiva, júbilo etc. Por isso, o corpo deveria ser dominado pela alma, pois ele pode iludir o homem e levá-lo a ser injusto. Um homem elevado

20

moralmente é aquele que orienta seus comportamentos segundo o Bem e vive de acordo com a ordem justa do mundo.

A moral grega relaciona-se, então, com uma compreensão muito peculiar do mundo. Os gregos pensavam que o mundo era estruturado por uma hierarquia. Assim, suas ações também deveriam ser estruturadas hierarquicamente. Para isso, a essência do Bem seria justamente o princípio mais alto na ordem hierárquica dos valores que devem guiar os homens. A partir do Bem, o homem grego, segundo

pensou Platão, organizaria de modo justo a sua cidade (*Polis*) e a harmonia reinaria entre os humanos. Justamente pelo fato de o ser humano estar suscetível a se desarmonizar – porque o seu corpo pode dominar sua razão e suas paixões podem retirar a soberania da razão humana – ele deve dominar seu corpo. Somente assim, seus comportamentos seriam virtuosos e ele agiria de acordo com sua natureza.

O pensamento ético de Platão foi muito importante para a história do Ocidente. Muitos pensadores inspira-

22

ram-se nele. O primeiro e maior deles foi Aristóteles (384-322 a. C.), o mais famoso aluno de Platão. Seu pensamento ético até hoje influencia a humanidade. Na Idade Média, por exemplo, após o século XII, Aristóteles tornou-se o filósofo mais influente do Ocidente e sua ética auxiliou à Igreja cristã, aos judeus e aos muçulmanos a organizarem seus comportamentos morais. Vejamos por que ele é tão importante para a ética.

<πάγ. 10>

ΗΘΙΚΩΝ ΝΙΚΟΜΑΧΕΙΩΝ Α.

ΠΑΣΑ τέχνη καὶ πᾶσα μέθοδος, ὁμοίως ^a δὲ πράξις τε καὶ προαίρεσις, ἀγαθοῦ τινὸς ἐφίεσθαι δοκεῖ διὸ καλιῶς ἀπεφάνησαντο τὰγαθόν, οὐδὲ πάντ' ἐφίεται. Διαφορὰ δὲ ^b τις φαί-₂νεται τῶν τελῶν τὰ μὲν ^c γὰρ εἰσιν ἐνεργεῖαι, τὰ δὲ ^d παρ' αὐτὰς ἔργα τινά. Ὡν δ' εἰσὶ τέλη τινὰ παρὰ τὰς πράξεις, ἐν τούτοις βελτίω πέφυκε τῶν ἐνεργειῶν τὰ ἔργα. Πολλῶν ³ δὲ πράξεων οὐσῶν καὶ τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν πολλὰ γίνονται ^e καὶ τὰ τέλη· ἰατρικῆς μὲν ^f γὰρ ὑγεία, ^h ναυπηγικῆς δὲ πλοῖον, στρατηγικῆς δὲ ⁱ νίκη, οικονομικῆς δὲ πλοῦτος. Ὅσαι ⁴ δ' εἰσὶ τῶν τοιούτων ὑπὸ μίαν τινὰ δύναμιν, καθάπερ ὑπὸ τὴν ἰππικὴν ^k ἢ χαλινοποικὴ καὶ ὅσαι ^m ἄλλαι τῶν ἰππικῶν ὀργάνων εἰσὶν ⁿ αὕτη δὲ καὶ πᾶσα πολεμικὴ πράξις ὑπὸ τὴν στρατηγικὴν ^o τὸν αὐτὸν δὲ τρόπον ἄλλαι ὑφ' ἑτέρας ἐν ἀπάσαις ^p δὲ τὰ τῶν ἀρχιτεκτονικῶν τέλη πάντων ^q ἐστὶν αἰρετώτερα τῶν ὑπ' αὐτά· τούτων γὰρ χάριν ^r κάκεῖνα διώκεται. Διαφέρει δ' οὐδὲν τὰς ἐνεργείας αὐτὰς εἶναι τὰ τέλη ⁵ τῶν πράξεων ἢ παρὰ ταύτας ἄλλο τι, καθάπερ ἐπὶ τῶν λεχθεισῶν ἐπιστημῶν. Εἰ ^t δὲ τι τέλος ἐστὶ τῶν πρακτῶν (2) ^u δὲ αὐτὸ ^v βουλόμεθα, τἄλλα δὲ διὰ τοῦτο, καὶ μὴ πάντα δι' ἕτερον αἰρούμεθα (πρόεισι γὰρ ^w οὕτω γ' εἰς ἄπειρον, ὥστ' εἶναι κενὴν καὶ ματαίαν τὴν ὄρεξιν), δῆλον ὡς τοῦτ' ἀνεῖν τὰγαθόν καὶ ^x τὸ ἄριστον. Ἄρ' οὖν καὶ πρὸς τὸν βίον ^z

Codices H^a.K^b.L^b.M^b.N^b.O^b.

^a δὲ] δι' καὶ H^a.M^b.N^b.O^b. ^b τις om. M^b. ^c γὰρ αὐτῶν εἰσὶν M^b.
^d παρὰ ταύτας corr. K^b. ^e δὲ L^b. ^f καὶ om. K^b.M^b.N^b. et pr. H^a.
^g γὰρ om. M^b.O^b. ^h ναυπηγικῆς H^a. ⁱ νίκαι L^b. ^k ἢ add. L^b. ^l χα-
λινοποικὴ H^a.L^b.M^b.N^b.O^b. ^m ἄλλαι τῶν] τῶν ἄλλων L^b. ⁿ αὐταὶ
M^b. ^o τὸν] κατὰ τὸν K^b.M^b. ^p δὲ M^b. ^q εἰσὶν L^b.N^b. ^r ὑφ' αὐτά
H^a.L^b.M^b.N^b.O^b. ^s κάκεῖνα L^b. ^t δὲ H^a. ^u αἰρούμεθα L^b. ^w οὕτως
εἰς L^b.M^b.N^b.O^b. ^x τὸ om. M^b.

VOL. IX.

B

**Figura 1: Primeira página da
Ética a Nicômaco. texto em
grego, edição de 1837**

O pensamento ético de Aristóteles foi expresso, sobretudo, no seu livro *Ética a Nicômaco*. É um livro muito estudado pelos filósofos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos etc. Ele começa afirmando que todo ser humano sempre age por causa de alguma finalidade. Todos os nossos desejos, comportamentos, escolhas visam a alguma coisa. Este objetivo que orienta nossas ações é chamado por Aristóteles de Bem. Como ele diz no início do seu principal livro de ética: “toda ação e todo propósito, visam a algum bem; por isto foi dito acertadamente que

o bem é aquilo a que todas as coisas visam.”

(Aristóteles, Ética a Nicômaco, p. 17). Em outras palavras: toda ação humana possui um fim que a orienta. Comemos, para matar nossa fome; estudamos, para passarmos em uma prova; viajamos, para nos divertirmos; rezamos, para conseguir um favor de Deus etc. Diversos são os bens que orientam nossas ações. Entretanto, Aristóteles mostrou que há um bem que é o fim último de todas as ações dos seres humanos. Comemos, dançamos, estudamos, caminhamos,

26

**vemos filmes, trabalhamos
– tudo que realizamos tem
em vista uma finalidade.**

**Mas todas as finalidades
estão orientadas para uma
finalidade suprema. Que
finalidade é essa?**

Aristóteles diz: a

<pág. 11>

**felicidade. Tudo que
fazemos está orientado para
a nossa felicidade. O
problema, então, é saber o
que é a felicidade humana.
Apesar de todo ser humano
buscar a felicidade, existe
muita discordância em torno
do que entendemos por
felicidade. Aristóteles diz:**

“(...) tanto a maioria dos homens quanto as pessoas mais qualificadas dizem que este bem supremo é a felicidade, e consideram que viver bem e ir bem equivale a ser feliz; quanto ao que é realmente a felicidade, há divergências, e a maioria das pessoas não sustenta opinião idêntica à dos sábios.”

(Ética a Nicômaco, p. 19)

Diversas são as maneiras de os homens conceberem a felicidade. Aristóteles mostra que a maioria delas não é de fato a felicidade.

28

Há homens que pensam que a felicidade está em viver uma vida de prazeres; outros acham que a felicidade está na honra; e outros pensam que ser feliz é possuir riquezas.

Aristóteles mostra que estas concepções são totalmente erradas. Por quê? Primeiro, uma vida que busca somente os prazeres é uma vida reduzida às sensações de agradável e desagradável. O ser humano que assim vive reduz a sua condição à condição dos animais. São os animais que vivem fechados às suas circunstâncias, fugindo da dor e buscando prazer. Ora,

o ser humano que age tão-somente com vistas ao prazer está se rebaixando como ser humano.

Aristóteles chega a dizer: “A humanidade em massa assemelha-se totalmente aos escravos, preferindo uma vida comparável à dos animais (...)” (p.20) A vida dos animais é essa baseada somente nos prazeres. Já as honras não podem ser a felicidade suprema do ser humano porque ela não surge dentro do indivíduo, mas toda honra é dada por alguém externo ao ser humano. Por exemplo: quanto me aplaudem, eu

30

recebo honras daqueles que estão reconhecendo algo de bom em mim. Se a felicidade se identificasse com a honra, então, eu estaria transferindo para alguém de fora o sentido das minhas ações. A felicidade é o fim último das minhas ações e sou eu que a possuo. Por isso, ninguém pode me dar, de fora, a minha felicidade. Eu não posso pensar que sou feliz somente quando os outros me aplaudem. Isso seria um novo tipo de escravidão. A partir de então, todas as minhas ações passariam a depender da opinião dos outros, se eles gostam ou não gostam

do que faço, se eu serei aplaudido ou não etc. Por outro lado, a felicidade não pode estar nas riquezas, como o dinheiro. Isto porque o dinheiro é um meio e não um fim. Nós usamos o dinheiro para comprarmos algo. Usamos nossas riquezas para mostrarmos algo com ela: esbanjarmos que possuímos algo caro, mostrarmos nossa vaidade, para dizermos aos outros que possuímos bens que podem ser trocados. Assim, toda riqueza é um meio e não um fim. Se a felicidade é um fim em si mesmo, ela não pode se reduzir ao

32

dinheiro. O que é então a felicidade?

Para Aristóteles, o homem é feliz quando realiza sua natureza. Isso significa que o homem feliz é aquele que vive de modo pleno, segundo a condição humana. Em outras palavras: uma vida plena é aquela que é excelente,

<pág. 12>

ou seja, que desenvolve da melhor maneira o ser humano em sua essência. A palavra excelência significa em Latim *virtude*. Viver de acordo com a natureza humana, desenvolvendo

suas potencialidades, é ser virtuoso. Por isso, para Aristóteles, somente o homem virtuoso é feliz. Mas, as virtudes vividas pelo homem dependem de sua natureza. Somente a natureza humana mostra o que é a virtude. A primeira pergunta a fazer, então, é: como Aristóteles pensa a natureza humana?

Como vimos no capítulo sobre o que é o homem, os gregos pensaram o ser humano como animal racional. É exatamente esta a natureza do homem, segundo Aristóteles. Para o homem ser feliz, então,

deve ele realizar-se como animal racional. Não é só a razão que deve ser valorizada. Mas as atividades do corpo, o modo como a razão relaciona-se com o corpo e as atividades que só dependem da razão. As virtudes devem ser pensadas a partir da relação entre corpo e alma. O primeiro tipo de virtude é a *virtude ética*. Ela se relaciona com os desejos e as paixões humanas. O homem possui diversas paixões que nascem da sua condição corporal. Quando algumas pessoas sentem fome ficam nervosas. Quando alguém está em

uma situação perigosa, pode ter medo ou desespero, porque a situação ameaça sua vida. Aristóteles mostra que as pulsões corporais e os desejos que nascem da relação entre corpo e alma (como o desejo sexual, por exemplo) interferem em nossas ações e pensamentos. A virtude ética é aquela que nasce da harmonização das nossas paixões e desejos. Aristóteles não pensa que devemos lutar para aniquilar nossas paixões e nossos desejos, mas devemos "educá-los", para que eles favoreçam a nossa

36

vida. Esse tipo de virtude nada mais é que o meio termo entre dois extremos. A coragem, por exemplo, é o meio termo entre temeridade e covardia. Na temeridade, alguém se lança contra o perigo sem agir de modo equilibrado, como acontece quando alguém reage a um assalto sem saber se o assaltante está ou não armado. Já a covardia é a incapacidade de enfrentar o perigo. A coragem é o meio termo desses dois extremos. Esse meio termo deve ser aprendido e exercitado pelo homem. A virtude ética nunca está definitivamente

pronta. Ela é conquistada pelo *hábito* de praticá-la sempre. Isso significa que Aristóteles está dizendo que devemos educar as nossas paixões e desejos corporais para que eles possam, em cada circunstância, nos auxiliar. Não nascemos justos ou injustos, corajosos ou medrosos, temperantes ou intemperantes – isso é conquistado através do modo como nos habituamos a agir.

O segundo tipo de virtude refere-se à razão: são as *virtudes dianoéticas*. Elas são chamadas assim porque se referem ao pensamento

38

(*nous*, em grego, significa também pensamento). A primeira delas é a *prudência*. Prudentes são aqueles que sabem escolher, em cada ocasião, os meios para que manifestem suas virtudes éticas. Por exemplo: em uma determinada situação, devemos ser justos. A prudência leva-nos a escolher cada coisa necessária naquela situação para que sejamos justos. Do mesmo modo acontece com a coragem. A prudência é a razão a serviço da realização das virtudes éticas. Ela nos ajuda a lidarmos com as situações

concretas de tal forma que possamos ser virtuosos a cada momento. Se não queremos trair nossa (o) namorada (o) e tem uma mulher (homem) olhando-nos, a prudência ajuda-nos a sermos fieis nessa situação, ao escolhermos os meios para que possamos exercer a virtude ética da fidelidade. Podemos, então, mudar o assunto da conversa, sair do local onde a pessoa está, transformar a

conversa em uma oportunidade para o surgimento de uma amizade ou falar para a pessoa que não queremos aquele tipo de relação. É a prudência que nos vai ajudar a realizar a virtude da fidelidade. O segundo tipo de virtude dianoética é a sabedoria. Ela equivale à contemplação das verdades supremas, sobretudo Deus. É uma virtude racional que não nos faz lidar com nossas paixões e circunstâncias. A contemplação diz respeito à capacidade de a nossa alma racional captar o sentido

mais profundo das coisas, que é Deus e sua dimensão superior. Como afirmou Aristóteles: “ entre as atividades humanas a que tiver mais afinidades com a atividade de Deus será a que proporciona a maior felicidade” (p. 205). Como Deus é o fim último da realidade, ele não pode ser usado. Assim, devemos abrir nossa razão para contemplá-lo espiritualmente.

Atividade 1

1. Qual a diferença entre ética e moral?

42

Atividade 2

2. Explique o que Aristóteles entendia por felicidade e diga por que ela não se reduz aos prazeres, à honra e às riquezas.

<pág. 14>

Atividade 3

3. A ética grega pode ser caracterizada como:

- a. ética das virtudes;**
- b. ética do dever;**
- c. ética antropocêntrica;**
- d. ética niilista.**

Seção 2

O Cristianismo e a ética do amor

Já vimos que o homem medieval é diferente do homem grego. Enquanto o homem grego busca saber qual é a natureza das coisas e quer viver de acordo com a natureza humana, o Cristianismo quer saber como o homem, que é *imagem e semelhança de Deus*, deve viver de acordo com a vontade divina. Todos nós sabemos alguma coisa sobre o homem cristão, pois ainda hoje as igrejas cristãs pregam que o homem deve

escutar a palavra de Deus (Bíblia) e deve seguir a Sua vontade. Isso já muda muito as coisas. Para o homem medieval, por exemplo, somente Deus pode orientar o ser humano e, assim, por causa de Deus, o homem pode ser feliz. Como disse Santo Agostinho (365-430 d. C.): “criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós”.

(*Confissões*, Livro I, cap. 1). Sem Deus, o homem cristão não consegue viver sua vida e entender o mundo. Isso mostra que, para esse tipo de ser humano, a moral deve ser orientada pela fé

cristã, pois somente ela pode dizer quem é Deus e como alcançá-Lo. Nesse sentido, duas faculdades humanas desempenharão um grande papel na ética cristã medieval: a *razão* e a *vontade*. Vejamos.

<pág. 15>



Figura 2: Santo Agostinho, em um afresco de Sandro Botticelli, 1480

Assim como para os gregos, o homem é um animal racional, o homem cristão medieval também entende que a razão é uma

faculdade essencial do ser humano. Por meio da razão, o homem descobre os porquês das coisas e orienta-se no mundo de forma segura. A razão faz com que o homem descubra a essência de cada criatura que habita o mundo. No entanto, o homem não é somente um animal racional. Ele também é um ser que tem vontade. Para Santo Agostinho, por exemplo, a vontade chega a ser, de certo modo, mais importante que a razão. Isto porque nós seres humanos vivemos na Terra, carentes de diversas coisas.

48

Precisamos de comida, bebida, casa, amigos, Deus etc. Para que a gente relacione-se e conecte-se com as coisas de que precisamos, devemos querê-las, desejá-las. Se nós não quisermos as coisas, nós não nos unimos a elas. Como nesta vida nós somos dependentes de muitas coisas, é a vontade que nos leva a adquirir o que precisamos. Por outro lado, nós não podemos saber aquilo que não queremos saber. Nosso conhecimento racional é orientado pela vontade. Por exemplo: se estamos em uma aula de Matemática, só podemos

aprender algo, se nós desejarmos conhecer esse algo. A razão então está orientada pela vontade humana. Por mais que a nossa razão diga o que as coisas são, a vontade é que orienta a razão a conhecer as coisas. Mas, o que isso tem a ver com a ética? Santo Agostinho pode nos ajudar a entender isso.

Como todo pensador cristão antigo, Agostinho compreendeu o universo como o conjunto de seres relacionados hierarquicamente. Em outras palavras: o universo tem muitos seres, mas

50

todos eles estão estruturados ordenadamente. Não há caos, não há desordem no universo. Tudo tem seu lugar. Cada coisa foi criada por Deus em seu devido

<pág. 16>

lugar. Isso aparece claramente, segundo pensa Santo Agostinho, no livro bíblico do *Gênesis*, onde Deus diz que, em cada dia da criação, Deus criou um conjunto de seres (Gn 1-2). A ordem da criação divina termina com o homem, que é considerado a coroa da criação. Isso mostra como

há ordem no mundo. Por isso, nós devemos preservar a ordem instituída por Deus. Para fazermos isso, devemos amar cada coisa, segundo a dignidade do lugar que ela ocupa no mundo. A hierarquia mostra que cada ser possui uma dignidade e importância diferente daquelas que têm os demais seres. Uma pedra não possui a mesma dignidade que uma árvore. A árvore é um ser vivo e a pedra não. Do mesmo modo, o ser humano possui uma dignidade diferente da dignidade de um cachorro, por mais que o cachorro

seja muito importante para o mundo criado. Respeitar a ordem desejada por Deus é amar cada coisa, segundo o lugar que ocupa na hierarquia do mundo.

Apesar da razão humana e da Bíblia mostrarem qual é esta ordem do mundo, é a vontade humana que nos leva a respeitar ou não o que Deus criou. Ora, Agostinho chama o movimento da vontade, que conecta o ser humano com as coisas do mundo, de *amor*. Isso porque o amor surge quando nós saímos de nós mesmos e conectamo-nos com os outros seres. Quem realiza isso no ser

humano, é a vontade. Neste sentido, para Agostinho, *vontade e amor quase sempre significam a mesma coisa*. Justamente ao realçar a importância do amor na vida humana, Agostinho cria uma verdadeira ética do amor.

Uma das características mais importantes da ética de Agostinho é a criação de uma *ordem do amor* (em Latim se diz *Ordo amoris*). Esta ordem deve orientar os atos morais dos seres humanos. Ela está baseada na razão e na Bíblia. Se nós a seguirmos, experimentaremos

54

santidade e felicidade. Como diz Agostinho:

“Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àquilo que deve ser menos amado, nem ama com igual intensidade o que se deve amar menos ou mais, nem ama menos ou mais o que convém amar de forma idêntica. “

(A doutrina cristã, cap. 27, 28)

Para entendermos como Agostinho entende a ordem do amor, devemos primeiro e diferenciar dois tipos de amor que podemos ter em relação aos seres. O primeiro é o amor que *usa* as coisas. Esse tipo de amor é o mais comum. Usamos uma coisa, quando nos relacionamos com ela com vistas a outra coisa. Por exemplo: usamos uma caneta quando nos relacionamos com ela como um *meio* para escrever e comunicar algo. A caneta é, então, um *meio para algo*.

56

Ser um meio é ser uma “ponte”. Se a caneta é um meio é porque ela é somente uma ponte para que outra coisa seja alcançada com ela. É assim que usamos os carros, o computador, a televisão etc. Isso não quer dizer que nós só usamos coisas sem vida. Usamos as plantas, quando elas servem para embelezar nossa casa; usamos os

<pág. 17>

animais, quando eles devem fazer algo que queremos (por exemplo: o burro de carga serve ao homem); usamos os seres humanos,

quando lhes pedimos favores ou quando pagamos por seus serviços. Agostinho mostrou que esse tipo de amor só deve ser vivido com as criaturas e não com o criador. Tudo é um meio nas mãos dos homens. Só Deus é diferente. Só Ele não deve ser usado. Deus deve ser *fruído*. O que significa isso?

Acabamos de ver que usar é amar algo com vistas a outra coisa; é servir-se de algo por causa de outra coisa diferente desse algo. De outra parte, fruir é amar algo por causa desse algo mesmo. Quem frui de alguma coisa, não se serve

58

dela, mas a deseja por causa dela mesma. Quando usamos alguma coisa, essa coisa aparece como um meio que nos leva a outra coisa; já quando usufruímos de algo, esse algo não é um meio, mas um *fim em si mesmo*. Agostinho chega a dizer que, quando usufruímos de algo, deleitamo-nos ou gozamos por causa dessa realidade usufruída. Nas suas palavras: “se adereres a esse objeto que amas e permaneces nele, pondo aí o fim de tua alegria, então, com propriedade, será dito que gozas dele” (Ibidem, cap. 33, 37). O único ser

que deve ser usufruído é Deus, pois só Ele é o fim último de todas as coisas. Deus, portanto, não pode ser usado para nada. Devemos amá-lo de modo desinteressado. Deus não pode ser manipulado pela vontade humana. Ele deve ser desejado por Ele mesmo. Já os outros seres, inclusive o ser humano, não podem ser usufruídos. Eles devem ser usados. Agostinho mostra que devemos usar todas as coisas para encaminhá-las para Deus. Nosso amor deve ter, portanto, uma única meta: Deus. Devemos nos servir

60

de tudo e de todos, inclusive de nós mesmos, para que Deus seja amado de modo soberano. Aliás, Agostinho não se cansa de lembrar que a Bíblia afirma: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mt 22, 37; Dt 6, 5). É Deus, então, o objeto último do amor humano.

Não é fácil amar a cada coisa, segundo a ordem correta do amor. Devemos orientar nossa vontade de modo correto, o que é extremamente difícil. Agostinho entendeu que essa dificuldade é fruto

daquilo que a Bíblia chama de *pecado*. Quando não agimos de acordo com a ordem do amor, pecamos. Quando agimos de acordo com ela, somos felizes. Ora, todos nós queremos a felicidade. Mas, se muitas vezes não somos felizes, não é somente porque não amamos as coisas de modo correto. Muitas vezes, queremos corretamente, mas não conseguimos agir de acordo com essa vontade. Isso é sinal de que o pecado não possibilita ao homem amar corretamente. É nesse sentido que Agostinho entende a

62

**sentença do apóstolo Paulo:
“Porque não faço o bem que
quero, mas o mal que não
quero, esse faço” (Rm7,
19). O pecado, portanto,
não permite que o ser
humano ame corretamente
e alcance a sua felicidade.
Amamos quase sempre
distorcidamente. Amamos
mais o dinheiro do que
Deus; amamos mais nossa
casa que os pobres;
amamos mais nossos
animais que os moradores
das favelas etc. Só
poderemos amar retamente,
se Deus gratuitamente nos
ajudar. Somente a graça de
Deus permite-nos amar,
segundo a ordem do amor e**

somente Deus liberta-nos do peso dos nossos pecados. Por isso, se Deus não auxiliar o homem, o homem não pode amá-lo acima de todas as coisas, como pede a Bíblia. É nesse sentido que deve ser entendida a famosa frase de Agostinho: “Dai-me o que ordenais e ordenai-me o que quiserdes” (*Confissões, X, 29*). Se Deus não ajuda o homem, o homem não consegue seguir as ordens divinas. A ética de Agostinho termina na graça de Deus. Sem ela não há amor verdadeiro no homem e, portanto, não há felicidade.

Atividade 4

Santo Agostinho é autor de um famoso pensamento presente em seu comentário à primeira epístola de João: “Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.” (Disponível em <http://pt.wikiquote.org/wik>

**i/Aurélio_Agostinho.
Acessado dia 24/07/2012).
O que esse pensamento tem
a ver com a ética e Santo
Agostinho?**

Atividade 5

**A ética cristã de Santo
Agostinho está
fundamentada, *sobretudo*,
em qual faculdade humana?**

- a. razão;**
- b. imaginação;**
- c. sentimento;**
- d. vontade.**

<pág. 19>

Seção 3

A modernidade e a ética da autonomia do sujeito humano

Já vimos que o homem moderno é aquele que luta com “unhas e dentes” contra todas as autoridades externas: Igreja, monarquia, forças da natureza etc. O mundo moderno retira Deus do centro de tudo e coloca o homem como eixo em torno do qual gira a realidade. Trata-se de uma *visão antropocêntrica*, ou seja,

trata-se de uma concepção em que o homem é o centro do mundo. Para que o ser humano ocupasse esse lugar, ele teve que desconstruir todos os poderes que não fossem humanos. Por isso, a modernidade retirou o poder da religião, da nobreza, dos mitos antigos, dentre outros. Com essa maneira de compreender as coisas, surge uma ética da autonomia humana. Nela, o ser humano não está mais a serviço de Deus, como na Idade Média. Também não quer mais seguir a sua natureza imutável, como

pensaram os gregos. Na ética moderna, é a subjetividade humana que cria as normas morais. Nada de externo ao homem é usado para dizer o que o ele deve fazer ou não fazer. É o homem quem diz o que é Bem ou Mal.

O “espírito” da ética moderna aparece claramente na obra do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Com ele o Antropocentrismo da modernidade expressa-se com muita nitidez. Conhecedor das descobertas científicas modernas – sobretudo aquelas que apareceram nas obras de

Nicolau Copérnico e Isaac Newton – Kant pensava que a realidade poderia ser concebida a partir de duas grandes perspectivas: o *reino da natureza* e o *reino da liberdade*. O reino da natureza é a realidade considerada, sobretudo, à luz da relação entre causa e efeito, que mostraria leis que regulam os objetos do mundo. Isto pode ser compreendido do seguinte modo. Vivemos em um mundo estruturado por leis que as ciências expressam em suas fórmulas. Nosso coração está bombeando, independente se queremos

70

ou não que ele bombeie. Do mesmo modo, se lançarmos um objeto do sétimo andar de um prédio, ele irá para baixo, pois a gravidade é uma força que obrigatoriamente puxa o objeto para o chão. As nossas unhas crescem, mesmo que não pensemos nelas. Se alguém, sem querer, deixar um fósforo aceso cair no chão e se o chão estiver cheio de gasolina, vai haver combustão e o fogo vai se alastrar. Essas experiências são comandadas por leis que as ciências estudam e que, independente de onde e quando esses fenômenos

acontecerem, eles sempre se manifestarão da mesma forma. O reino da natureza é um reino orientado por leis mecânicas, que as ciências podem calcular e descrever. Esse é o reino estudado pela química moderna, pela física moderna, pela biologia moderna, dentre outras ciências. Mas, nem tudo pode ser explicado desse modo. No reino da liberdade as coisas são diferentes.

<pág. 20>

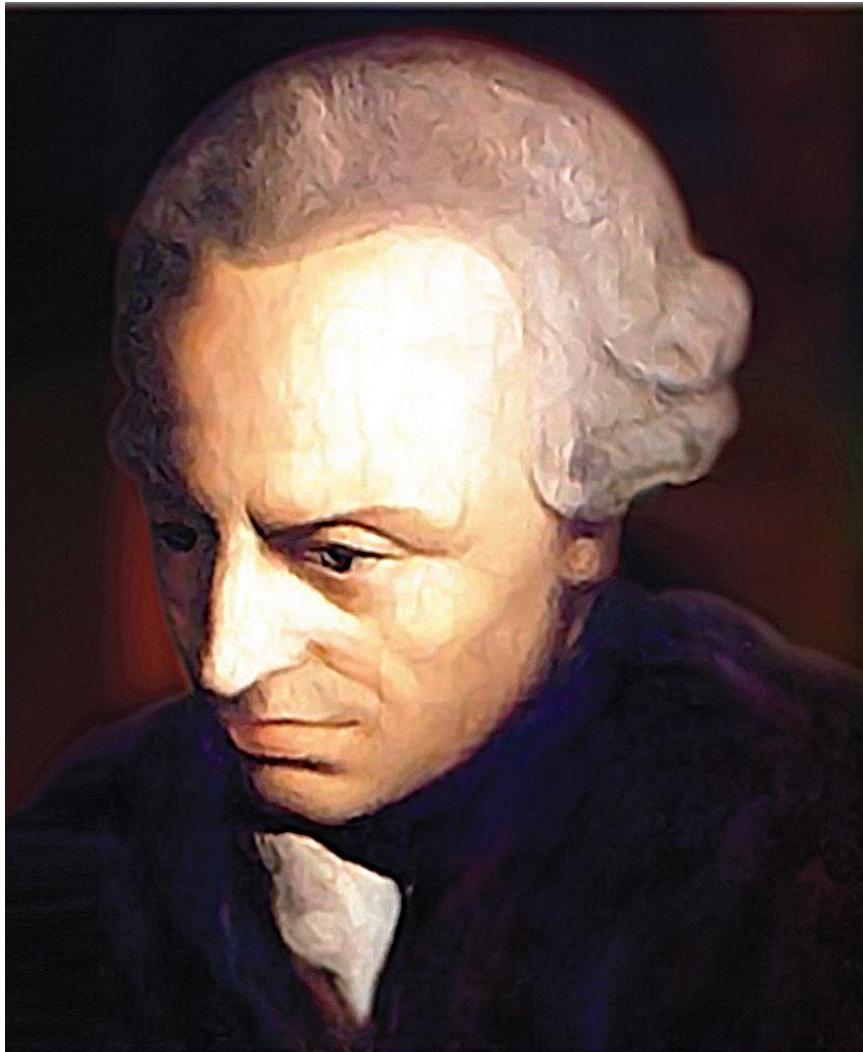


Figura 3: O filósofo Immanuel Kant

Segundo Kant, o homem vive em dois reinos. Há uma dimensão dele que está orientada pelas leis do reino da natureza. Quer queira quer não, sofremos a ação da lei da gravidade, as

reações químicas que ocorrem em nosso organismo não dependem de nós, nossas articulações só aguentam ser estendidas até certa angulação etc. Mas, se alguém chutar uma porta, por mais que nossas ciências possam explicar por que ele (a) sentiu dor, não há como saber qual foi o motivo. As ações humanas não se explicam somente pelas leis da natureza. Nossa vontade é livre. Podemos chutar uma porta porque estamos comemorando o gol do nosso time, ou estamos nervosos com alguma coisa,

ou mesmo porque queremos irritar alguém que está por perto etc. Isto indica que há algo que orienta nossas ações que não está pré-determinada, pois é livre. Este algo é a nossa vontade. Ela é livre porque é ela que determina a si mesma. Entretanto, nossa vontade pode se tornar escrava. Podemos viver presos às nossas circunstâncias. Isto acontece quando vivemos as nossas circunstâncias de tal maneira a tirarmos todo proveito possível delas. Assim, afastamos tudo que nos gera dor e sofrimento e buscamos nos dar bem, retirando das circunstâncias

tudo que nos gera prazer. Assim, as circunstâncias passam a servir os nossos interesses particulares e nós nos beneficiamos com as coisas. Se estamos trabalhando em uma empresa e queremos ganhar mais, passamos a agradar o nosso chefe e a ser simpático com os nossos colegas, para conseguirmos um aumento salarial ou um cargo mais elevado na empresa. Esse tipo de relação interesseira com as circunstâncias e pessoas diminui a liberdade de nossa vontade. Contra isso, Kant mostra que o homem é

76

plenamente humano quando sua vontade não é escrava das situações e dos interesses particulares.

A vontade age livremente quando o ser humano orienta seu ato pela razão e não pelos seus interesses particulares. A razão cria leis que não reduzem o homem às suas circunstâncias e que não deixam o ser humano agir para

<pág. 21>

defender seus interesses particulares. Essas leis devem transcender as circunstâncias e os

interesses particulares dos homens. Elas devem ordenar o ser humano a seguir o que elas dizem. Diferentemente das leis da natureza estudadas pelas ciências, essas leis são morais, pois são frutos da razão humana e devem orientar suas ações e comportamentos, dizendo o que é bem e mal. Uma das formulações desse tipo de lei foi feita por Kant do seguinte modo:

“Age de tal modo que consideres a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de todos

78

**os outros, sempre como fim e nunca como meio”
(Fundamentos da metafísica dos costumes, p. 69).**

Essa formulação da lei moral diz que não podemos tratar ninguém, inclusive nós mesmos como um meio, mas como um fim. Em outras palavras: o ser humano não é um objeto a ser manipulado e usado. Somos fins em si mesmos. Usar o homem é retirar dele a sua dignidade. Possuir dignidade significa justamente não poder ser usado, mas respeitado. Com essa lei, Kant mostra que

nossas ações não podem dominar o outro, assim como não podemos deixar que nos dominem. Não podemos mentir ao outro, pois isto seria usá-lo, para retirar dele algum benefício particular. Não podemos nos prostituir, pois a prostituição é tratar a si ou ao outro como mercadoria (e, como sabemos, toda mercadoria é um objeto de troca, e não um fim em si mesmo). É claro que nós sempre temos inclinações que nos fazem querer tratar os outros ou nós mesmos como coisas ou objetos de troca. Kant sabe disso. A

questão é que a lei moral deve obrigar o homem, independentemente dessas inclinações particulares, a agir retamente, sem usar o outro e sem usar a si mesmo. Somente assim o ser humano se humaniza. Quando nós agimos de acordo com nossos impulsos e interesses, nós não estamos agindo plenamente livres, não estamos sendo plenamente humanos. Somente quando o ser humano segue as leis morais, produzidas pela razão, ele afirma sua condição de ser livre.

O pensamento ético de Kant, como já dissemos,

está plenamente de acordo com o espírito da modernidade. É a razão humana e não Deus ou a natureza que deve determinar as ações humanas. A nossa subjetividade cria as leis morais e organiza as relações entre os homens. Nesse tipo de moral, é o homem que diz o que ele deve ou não fazer.

<pág. 22>

Atividade 6

Digo por que a ética moderna pode ser entendida

82

como ética da autonomia do sujeito humano. Responda essa questão a partir do pensamento ético do filósofo Immanuel Kant.

Atividade 7

O que Kant entendia por dignidade humana?

a. o fato de o ser humano ser um objeto;

b. o fato de o ser humano ser filho de Deus;

c. o fato de o ser humano ser um fim em si mesmo;

d. o fato de o ser humano ser descartável.

<pág. 23>

Seção 4

A ética contemporânea e a crise dos valores morais

Se a moral moderna é orientada pelo ideal de autonomia do sujeito humano, a moral atual (contemporânea) é muito diferente. Não conseguimos sustentar a ideia de que o ser humano é o centro do universo e de que a razão humana consegue criar leis que podem ser iguais para todos os homens. Isto por vários motivos. Vejamos alguns. O século XX foi o

cenário de duas guerras mundiais. A última dessas guerras (II Guerra Mundial) apresentou ao mundo duas bombas atômicas, com um poder de destruição nunca visto na história da humanidade. Rapidamente, os Estados Unidos da América lançaram, no Japão, duas bombas atômicas que dizimaram milhares de seres humanos de uma hora para a outra. Toda tecnologia armamentista apresentava o desenvolvimento de todo o projeto ocidental racionalista. As armas de guerra eram resultados do desenvolvimento das

ciências e da tecnologia, ou seja, produtos do desenvolvimento da razão humana. Ora, se os modernos acreditavam que a autonomia da razão geraria liberdade humana, as guerras mundiais mostraram que o desenvolvimento da razão tecnológica e científica gerou aniquilação e morte. Em outras palavras: as guerras mundiais mostraram que a autonomia da razão humana não gerou liberdade, mas opressão.



Figura 4: Dois momentos que nos lembram a destruição da II Guerra Mundial:

Uma rua do centro de Berlim, ao fim da guerra, em Junho de 1945 e a explosão nuclear de Nagasaki²⁴

Por outro lado, algumas ciências mostraram, sobretudo após o século XIX, que o ser humano não é um ser somente orientado pela razão; o ser humano também possui elementos não conscientes, que determinam seus comportamentos e suas relações sociais. Freud, o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano é atravessado por desejos inconscientes, que buscam o prazer. Ao mesmo tempo, Freud disse, na obra *O mal-estar na civilização*, que a civilização ocidental, por preocupar-se em

desenvolver-se racionalmente, frustrou os desejos mais profundos dos seres humanos. Para Freud, o homem civilizado é um homem frustrado. Está preocupado com a tecnologia, com o trabalho, com a organização cada vez mais racional da sociedade. No entanto, o homem ocidental cada vez menos sente felicidade. Trabalha muito para usufruir pouco. Cria muitas leis, mas perde a criatividade dos seus desejos. Busca soluções para suas dores (doenças e morte), mas não se sente feliz. Concluindo: o homem

ocidental, por mais racional que seja, é infeliz.

Pode-se ainda destacar o fato de que muitas ciências humanas descobriram, ao longo da modernidade (sobretudo por causa das viagens marítimas, que levaram os europeus a outros continentes), a riqueza de culturas que eram extremamente diferentes da cultura europeia. Muitas dessas culturas, como as indígenas e as africanas, são estruturadas por mitos. Entretanto, elas possuem valores, tradições religiosas, objetos artísticos etc. muito

ricos. Ora, essas culturas não são idênticas. Por isso, seus valores são diferentes, sobretudo os valores morais. O que é bom e justo em uma tribo indígena guarani não é bom e justo para certos grupos africanos. Em outras palavras: quanto mais os europeus foram conhecendo novas culturas, mais eles foram notando que os valores morais são relativos e não absolutos. Ao mesmo tempo, quanto mais o Ocidente foi experimentando os horrores das guerras e foi notando que nós não somos somente seres racionais, mais os

seus valores morais foram enfraquecendo.

Devemos ainda lembrar um último elemento que contribui para a crise da moral moderna. Trata-se do *ecocídio*. Ecocídio é a destruição dos ecossistemas, que gera todo tipo de problema ecológico que nós hoje conhecemos. Com o desenvolvimento científico e tecnológico, o homem ocidental legitimou moralmente a destruição da natureza. Sempre foi considerado moralmente bom dominar e explorar a natureza. Com os avanços tecnocientíficos, a domina-

ção da natureza atingiu um nível devastador.

Destruímos espécies animais, aniquilamos florestas e montanhas. Tudo isso em nome do progresso da civilização. Nossa moral aprovou e normalizou essa situação destrutiva. E agora notamos, depois de cerca de três séculos, que nós não estamos acima da natureza, mas somos partes dela.

Diferente do que pensou a modernidade, os seres humanos não estão acima dos seres. Eles são dependentes da natureza.

Dependem do ar para respirar, dos nutrientes dos alimentos, da água para

fazer sua higiene e matar sua sede etc. Por isso, quanto mais o homem destrói a natureza, mais ele se destrói. Não há como preservar uma moral que não respeite a interação entre homem e natureza.

<pág. 25>



Figura 5: Pieter Bruegel, 'O Velho': O Triunfo da Morte (1562)

O problema ecológico, as guerras mundiais, a descoberta da diversidade de valores morais presentes nas culturas e a concepção de que o homem não é somente estruturado pela razão, tudo isso contribuiu para que nós vivêssemos hoje uma verdadeira crise moral. Não possuímos atualmente valores sólidos e absolutos para os seres humanos. O bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, tudo isso hoje é relativo. Se perguntarmos aos adolescentes o que eles

**acham que é justo, cada
pode nos dar um conceito de
justiça diferente. Do mesmo
modo, se perguntarmos o
que é bem e o que é o mal,
não teremos mais respostas
absolutas, que sejam iguais
para todos. Ao mesmo
tempo, o que atualmente
consideramos bom
rapidamente se modifica. Os
valores morais, além de
serem atualmente relativos,
tornaram-se *voláteis*, ou
seja, eles não são sólidos, o
que faz com que eles
possam mudar a todo o
momento.**

**Muitos filósofos chamam
esse estado de crise do**

Ocidente (sobretudo em relação à sua crise moral) de *niilismo*. Esse termo ficou conhecido na filosofia por causa do pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900). Ele usou esse termo com diversos significados. Porém, o significado mais conhecido diz respeito ao esvaziamento dos valores tradicionais que sempre orientaram moralmente o homem ocidental. Esses valores tradicionais sempre tiveram a pretensão de ser absolutos. Atualmente, esses valores absolutos não mais orientam a nossa vida. Por isso, os valores se

relativizaram. A palavra niilismo dá conta desse esvaziamento porque niilismo vem da palavra *nihil*, em Latim, que significa *nada*. Vivemos no niilismo porque vivemos em um nada, em um vácuo, em uma ausência de valores sólidos e absolutos. Como disse Nietzsche: "O que significa niilismo? – que os valores supremos se desvalorizam."

<pág. 26>

(Nietzsche. Fragmento Póstumo do verão de 1887).

98

**Dito de outro modo:
vivemos um niilismo moral
porque os valores supremos
do Ocidente, que sempre
foram valores absolutos,
desmoronaram,
dissolveram-se.**

**A primeira consequência
do niilismo moral é o estado
de desorientação do homem
ocidental. A vida parece ter
perdido sentido, pois
nenhum valor sólido a
orienta. Basta perceber que
atualmente tudo é
permitido, mas as pessoas
não sabem muito bem como
viver suas vidas. Hoje
somos cristãos, amanhã
podemos ser ateus;
podemos nos transformar**

em revolucionários políticos e logo depois podemos ser empresários e lucrar com o mercado financeiro; podemos agora ser pacifistas e posteriormente apoiar a pena de morte. Hoje podemos nos transformar a toda hora, sem que a nossa vida possua qualquer coerência moral, pois não há nenhum valor absoluto que deve orientar a minha vida. Vejamos um exemplo bem claro.

Os donos da indústria pornô ganham dinheiro com a exposição da relação sexuais de pessoas que

atendam o gosto sexual das pessoas. Ele paga cachê aos atores e atrizes e, muitas vezes, dependendo de quem seja, paga caro para a pessoa contracenar no seu filme. Ora, muitas vezes, os empresários que lucram milhões de dólares com esses filmes têm filhos e filhas. No entanto, nenhum deles contracena nos seus filmes. Esses empresários acham bom ganhar dinheiro com a indústria sexual, mas não acham bom que os seus filhos sejam atores e atrizes nessa mesma indústria. Isso mostra que essas pessoas possuem valores morais contraditórios, mas que são

aceitos pela sociedade em que vivem. Quem acharia que eles estão errados por não deixarem seus filhos e filhas participarem de seus filmes? Não há nesse exemplo valor absoluto, mas um grande relativismo moral.

Se por um lado o niilismo possui um lado negativo – perda de sentido absoluto para a vida humana –, por outro, ele possui um aspecto libertador. Os valores absolutos ocidentais sempre foram homogeneizadores, ou seja, eles deveriam ser iguais para todos os seres humanos. Isso gerou muitos

desrespeitos.

Desrespeitamos pessoas que viviam outros valores que aqueles que nós ocidentais acreditamos que eram os únicos válidos. A inquisição religiosa cristã matou milhares de pessoas em nome dos valores cristãos. Os nazistas, em nome dos seus valores que tinham a pretensão de ser supremo, assassinou judeus, homossexuais, ciganos, negros etc. Como vimos, os valores modernos, criados pela razão humana, geraram muitos malefícios à natureza e produziu frustração e guerras. Com o niilismo moral que atinge a

nossa cultura, percebemos que os valores morais são criados pelos homens, o que indica que eles nunca podem ser absolutos e imutáveis. Isso permite que se crie uma moral que possa respeitar a diversidade de valores: valores dos grupos gays, valores dos negros e das tradições afro-brasileiras, valores das religiões orientais e das mulheres etc. O niilismo possibilita o surgimento de criatividade moral e de diálogo entre as morais. A moral do candomblé pode dialogar com a moral católica, a moral dos gays

pode dialogar com a moral das mulheres – e assim por diante. Trata-se de uma sociedade onde a moral está em aberto para se transformar por meio do diálogo com outros valores morais. Isso diminui a intolerância, aumento o respeito às diferenças. Do mesmo modo, a crise da razão moderna abre espaço para o surgimento de valores morais que respeitem a natureza e não façam das ciências e da tecnologia fontes de destruição dos ecossistemas.

<pág. 27>

Atividade 8

Explique por que o pensamento abaixo do dramaturgo Antoine Artaud (1896-1948) expressa o niilismo contemporâneo da cultura ocidental. Responda a essa questão a partir do pensamento de Nietzsche sobre o niilismo. Vivemos uma época provavelmente única na história do mundo, em que o mundo passado pela peneira vê desmoronarem seus velhos valores. A vida calcinada dissolve-se pela base. E isso, no plano moral e

social, traduz-se por um monstruoso desencadeador de apetites, uma liberação dos mais baixos instintos, um crepitar de vidas queimadas e que se expõem prematuramente ao fogo. O interessante nos acontecimentos atuais não são os acontecimentos em si, mas o estado de ebulição moral em que fazem os espíritos caírem, o grau de extrema tensão. É o estado de caos consciente em que não param de nos mergulhar. E tudo isso que abala nosso espírito sem o fazer perder o equilíbrio é para ele um meio patético de traduzir a palpitação

inata da vida (Artaud, 2006, p. 136).

Atividade 9

O filósofo Nietzsche mostrou que o niilismo é um fenômeno contemporâneo que pode ser inicialmente caracterizado como:

a. a falta de religiosidade do homem;

b. a perda dos valores supremos da tradição ocidental;

c. a crise econômica do mundo atual;

d. a perda de esperança dos povos em geral.

108

Atividade 10

Diga por que o niilismo também possui um aspecto positivo para o mundo atual.

<pág. 29>

Respostas das atividades

Atividade 1

Como vimos, a palavra "moral" deriva das palavras latinas "mos" e "moris" que designam "costume".

"Costume", no sentido moral, refere-se aos valores de bem e mal, que são o fundamento de

determinação de muitas outras valorações, tais quais justo/injusto e certo/errado, por exemplo. Um julgamento moral, portanto, consiste na avaliação dos atos (realizados por nós mesmos ou por outras pessoas) segundo os valores de bem e mal vigentes em nossa sociedade.

Porém, tais valores vigentes não necessariamente estão de acordo com o que nós julgamos corretos. Podemos pensar nos valores instituídos e decidir quais deveriam (ou não) ser

110

preservados. Podemos, ainda, refletir acerca da gênese da moral, ou seja, tentar identificar por que determinados atos são tidos como morais ou imorais. E é justamente neste ponto que surge a ética. Seu papel é refletir filosoficamente e de forma crítica sobre a moral humana.

Atividade 2

Para Aristóteles, o homem feliz é aquele que vive em conformidade com a natureza humana, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades, isto é, tornando-se virtuoso. Neste sentido, aquele que

pensa que a felicidade se encontra em uma vida de prazeres está equivocado, uma vez que este modo de vida se reduz às sensações de agradabilidade e desagradabilidade, ou seja, os homens que agem desta forma comportam-se como animais: limitam-se a buscar os prazeres e fugir das dores. A honra também não pode ser o fundamento da felicidade dos seres humanos, uma vez que ela depende sempre da consideração alheia e não faz sentido atribuir para as pessoas “de fora” o sentido e orientação das nossas

112

ações, dado que a felicidade é algo pessoal e privado. Tampouco podemos julgar que as riquezas sejam a fonte da felicidade , uma vez que o dinheiro é um meio e não um fim, enquanto a felicidade é um fim em si mesmo.

<pág. 30>

Atividade 3

Alternativa "a"

Atividade 4

Este pensamento remete ao princípio ético agostiniano de que devemos amar a cada coisa, segundo

a ordem correta do amor. Neste sentido, quando não amamos segundo esta ordem, pecamos, isto é, agimos em desacordo com os princípios éticos.

Atividade 5

Alternativa "d"

Atividade 6

A ética moderna é caracterizada pela autonomia do homem em virtude do fato dele não estar mais a serviço de Deus, como na Idade Média, nem compelido a seguir a natu-reza humana, como na

Grécia Arcaica (sobretudo no pensamento de Aristóteles). Na ética kantiana, isso fica explícito. Para ele, o homem vive tanto no reino da natureza - e por isso está submetido fatalmente às leis naturais (força gravitacional, causalidade etc.) -, quanto no reino da liberdade, onde impera a sua vontade, que é livre. Para agir livremente, o homem precisa ser orientado pela razão, que elabora leis morais que transcendem as situações particulares e alcança o estatuto da universalidade, valendo, assim, para todos os homens. Uma destas leis,

por exemplo, está expressa no imperativo categórico que vimos, a saber, “age de tal modo que consideres a humanidade, tanto em sua pessoa como na pessoa de todos os outros, sempre como fim e nunca como meio”.

Atividade 7

Alternativa “c”

<pág. 31>

Atividade 8

A visão niilista da cultura ocidental está claramente expressa neste pensamento

116

de Artaud quando ele afirma, por exemplo, que “o mundo passado pela peneira vê desmoronarem seus velhos valores”. Nesta afirmação, o pensador demonstra claramente o fato de, na contemporaneidade, os valores absolutos terem sido colocados em cheque, resultando no nosso atual relativismo moral. O filósofo Nietzsche explorou bem essa questão, mostrando como o homem ficou desamparado após o esvaziamento dos valores tradicionais (sejam religiosos, sejam os valores

erigidos pelo homem moderno).

Atividade 9

Alternativa "b"

Atividade 10

O aspecto positivo do niilismo é a maior tolerância de uma cultura relativamente às demais, partindo da pressuposição de que os valores morais são criados pelos homens. Os valores ocidentais tinham a pretensão de ser absolutos e imutáveis, o que legitimou uma série de atrocidades, como a

118

Inquisição religiosa e o Holocausto.

Unidade 8

<pág. 35>

Filosofia política: da descoberta da cidade à situação atual do homem no mundo

Para início de conversa

Nesta unidade, veremos um pouco sobre a relação entre filosofia e política.

Essa relação não se apresenta como uma relação meramente de conteúdo, como se a

filosofia tivesse um campo específico de reflexão que a aproximaria casualmente da política. Ao contrário, filosofia e política nasceram juntas e foram pensadas também durante muito tempo como irmãs siamesas, como dois aspectos de um mesmo acontecimento. A razão de ser dessa ligação original entre filosofia e política tem seu fundamento, por sua vez, nos primeiros passos do pensamento filosófico na Grécia antiga, mais exatamente no século VIII a. C.

Bem, mas antes de tratarmos diretamente desses primeiros passos, é importante ter em vista algumas coisas. Antes de mais nada, é decisivo, no presente contexto, o significado primordial da palavra "política". Como muitas palavras centrais em nosso vocabulário de pensamento, a palavra "política" também vem do grego. "Política" vem da palavra grega "*pólis*", que significa o mesmo que "cidade". A política nada mais é, a princípio, do que a arte de bem governar a cidade, a "*pólis*", de propiciar aos cidadãos uma

**experiência que seja
compatível com a sua
experiência de vida comum.**

<pág. 36>

**O que há de
propriamente filosófico
nesta relação entre política
e cidade é algo que
consideraremos agora com
atenção durante o espaço da
presente lição. Como diriam
os gregos antes de
começarmos: *eu práttein!*
(agi de maneira plena).**

122

Saiba Mais

Os gregos costumavam iniciar suas cartas com esta saudação, *eu práttein*, como uma forma de lembrar os homens da necessidade de agirem sempre de maneira plena e integral.

Objetivos de aprendizagem

. Reconhecer a proximidade essencial entre filosofia e política desde os primeiros passos do pensamento filosófico.

. Identificar as razões que levaram os gregos a considerar a vida pública na cidade como a forma de vida mais plenamente humana,

como o modo de ser mais próprio do homem.

. Identificar elementos estruturais de uma reflexão filosófica no interior de questionamentos relativos à política: argumentação, compromisso com a verdade, retórica, participação, responsabilidade etc.

. Distinguir a relação entre filosofia e política na Antiguidade e na Modernidade: ver a diferença entre cidade e Estado e entender as consequências dessa diferença para a nossa existência atual.

124

. Reconhecer os impasses do pensamento filosófico e político no mundo contemporâneo a partir da consideração detida do fenômeno do niilismo e do mal radical.

. Reconhecer as possibilidades abertas pelo mundo tecnológico e os impasses éticos que acompanham essas possibilidades.

<pág. 37>

Seção 1

Filosofia e política: a história de um nascimento

conjunto no interior dos portões da cidade antiga!

Há um fato curioso que explica, em certa medida, a importância da política para aquele povo que levou a termo pela primeira vez o que hoje chamamos de filosofia: os gregos. Em todas as casas na Grécia antiga, as portas e janelas abriam para fora! Esta parece ser, inicialmente, uma mera curiosidade, mas fala muito sobre a essência da vida de um cidadão grego.

Enquanto nós vivemos completamente voltados

para o interior de nossas casas e vemos a vida pública como um espaço só justificável em função do espaço privado, dos sonhos privados, das realizações particulares, os gregos viviam totalmente orientados para o espaço público e só se consideravam como homens plenos em meio à atividade política. A palavra "idiota", por exemplo, que tem para nós o significado de estúpido, tolo e imbecil, provém do termo grego "*idiotes*", que designava pura e simplesmente o privado. Viver de maneira privada, ou seja, viver

orientado para a sua casa e para as suas conquistas pessoais era, para os gregos, coisa de idiota. Essa experiência tem uma grande influência sobre o pensamento filosófico em geral.



Figura1: Vista da Acrópole, em Atenas, um sítio

128

**arqueológico que concentra
boa parte dos prédios
administrativos e religiosos
da Grécia antiga.**

**A filosofia, por sua vez,
tal como nós a conhecemos
hoje, tem uma relação
direta com o que
procuramos mostrar acima.
Em verdade, se
perguntarmos sobre o que
caracteriza propriamente o
exercício filosófico em sua
natureza**

<pág. 38>

**mais própria, seremos
imediatamente levados a
falar de algo como o**

conceito, como a argumentação rigorosa sobre questões relativas à experiência, sobre a essência universal das coisas. A filosofia, diferentemente de outras possibilidades do saber, não trata de posições particulares sobre certos campos de problemas, mas se baseia, antes de tudo, na capacidade humana de se ligar e de perguntar sobre o modo de ser universal, não particular, de todas as coisas.

Filosofia, assim, tem sempre algo em comum com a experiência pública dos

130

homens, com a nossa capacidade de nos lançarmos para além dos limites de nossas opiniões pessoais.

Dessa forma, filosofia e política estão ligadas na origem por um campo comum de perspectivas e descobertas.

Atividade 1

Leia atentamente o texto e responda às perguntas com base no que nos diz o texto e no que conversamos antes:

“O que implica o sistema da polis é, primeiramente, uma extraordinária

preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e de domínio sobre outrem.

Este poder da palavra – de que os gregos farão uma divindade, Peithó, a força de persuasão – lembra a eficácia das palavras e das fórmulas em certos rituais religiosos, ou o valor atribuído aos ditos do rei (...): entretanto, trata-se na realidade de coisa bem diferente. A palavra não é

mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação.

Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas, entre os dois partidos que lhe são apresentados; é essa escolha puramente humana que mede a força de persuasão respectiva dos dois discursos, assegurando a vitória de um dos oradores sobre o seu adversário.”

(Trecho do livro *As origens do pensamento grego*, do filósofo francês Jean Pierre Vernant.)

a. O que acontece quando se dá a mudança da palavra impositiva do rei, à qual temos de obedecer cegamente, para a realidade dialógica da praça pública, na qual cada um, para se impor, precisa defender argumentativamente suas posições?

b. Em que medida a mudança acima descrita evidencia uma proximidade inicial entre filosofia e política? Que proximidade é essa?

c. O que Vernant procura acentuar ao afirmar que a palavra agora é a única fonte real de poder?

134

<pág. 39>

d. Explique com as suas palavras o que Vernant tem em mente na seguinte passagem:

“A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas”!

Seção 2

A experiência política dos homens e a escuta ao outro:

o caráter dialógico do pensamento filosófico

Acabamos de ver como a vida dos gregos estava, a princípio, completamente voltada para o espaço público. O que precisamos perguntar agora é em que medida exatamente esta característica do mundo grego nos revela o caráter propriamente dito do pensamento filosófico e até que ponto a filosofia se mostra realmente em uma proximidade direta com a política? Para respondermos a essas perguntas, é absolutamente decisivo

retomar algo que dissemos na seção 1: o espaço público como um espaço de justificação e reconhecimento do outro.

Se considerarmos o que acontece hoje muitas vezes no campo da política, pode ser que tenhamos dificuldade de entender a relação entre filosofia e política. Campanhas políticas são marcadas atualmente pelo uso de propaganda maciça, pela produção de uma imagem que muitas vezes não possui muito em comum com a história e com o caminho trilhado pelo candidato. Um político pode passar uma

imagem de honestidade, mesmo que esteja envolvido em esquemas de corrupção. Mesmo neste caso, porém, o que está em jogo é persuadir os eleitores. Assim, mesmo em nosso caso, o fenômeno inicial reconhecido pelos gregos vem à tona de maneira clara. A vida pública envolve necessariamente argumentação, convencimento, defesa de posições. Mais do que isso: no espaço público, não podemos defender nossas posições de maneira arbitrária. O "eu acho" e o "é assim e pronto" não têm

138

lugar aqui. No espaço público, todos têm de tentar convencer os outros com argumentos que se mostrem como válidos para todos, como universais. Tudo isso coloca a experiência política originária em uma relação com a filosofia.

<pág. 40>

Filosofia possui desde o princípio algo em comum com a defesa rigorosa de posições por meio de argumentação.

Este é o sentido da postura fundamental de Sócrates, por exemplo, em

todos os diálogos platônicos. Sócrates não é alguém que não sabe nada, tal como comumente se compreende a partir de uma versão um pouco alterada da sabedoria socrática. Sócrates é alguém que, quando sabe, sabe que sabe e quando não sabe, sabe que não sabe.

Este, por sua vez, é o ideal de todo pensamento filosófico: escapar de todo e qualquer falso conhecimento, de toda e qualquer falsa pretensão de saber. Exatamente por isso, a filosofia nasceu em uma proximidade essencial com

140

**a política e em uma
confrontação imediata com
a retórica e com a oratória,
ou seja, com a arte do
convencimento sem um
compromisso direto com
aquilo mesmo que está em
questão.**

**Tudo isso leva a filosofia
a buscar, de início, alguns
elementos:**

**Investigação primária do
tema em questão.**

**Apresentação rigorosa
(lógica, coerente,
consistente) das posições
defendidas (filosofia nunca
pode se basear na defesa
arbitrária e não
argumentativa de opiniões
em geral).**

Consideração dos contra-argumentos e das possíveis críticas às posições assumidas.

Elogio do diálogo e acento na comunicação livre e não impositiva.

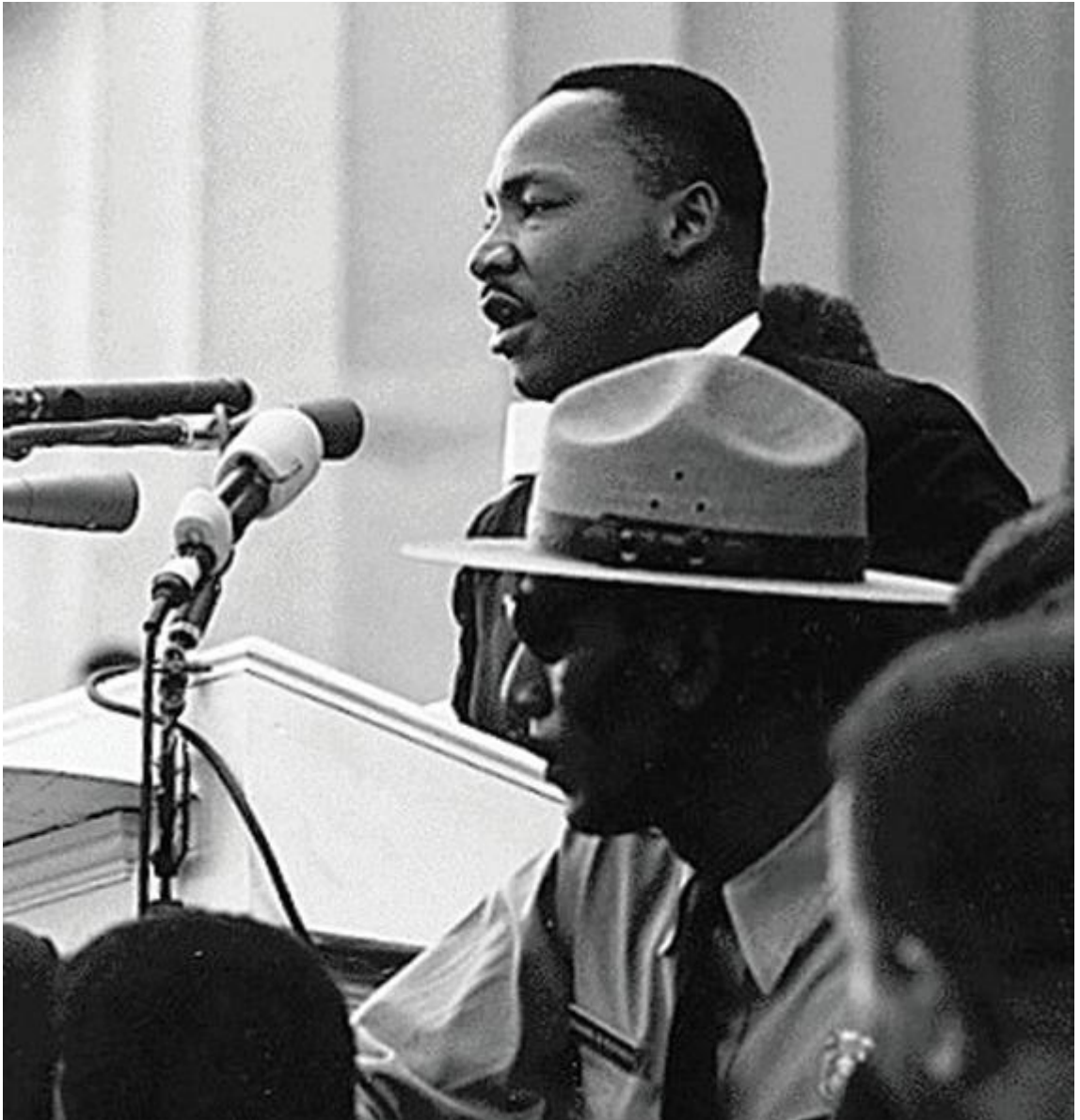
Condução cuidadosa da argumentação em direção a conclusões que podem ser compreendidas em sua necessidade por qualquer pessoa que acompanhe a argumentação.

Abertura constante para a escuta de novos argumentos e de novas críticas, ou seja, uma disposição incessante para o

142

**estabelecimento de
revisões.**

Multimídia



**Não deixe de ver o brilhante
discurso de Martin Luther
King sobre a possibilidade**

de superação do racismo na América no endereço:

<http://www.youtube.com/watch?v=yCLCyvF9p7g>

<pág. 41>

Vejamos uma passagem de uma defesa filosófica de uma posição. A passagem aponta para um ensaio chamado *Ética a Nicômaco*, um livro escrito por Aristóteles para a educação de seu filho:

“(...) as ações são chamadas justas e temperantes quando são

144

tais como as que praticaria o homem justo ou temperante; mas não é temperante o homem que as pratica, e sim o que as pratica *tal como* o fazem os justos e temperantes.

É acertado, pois, dizer que pela prática de atos justos se gera o homem justo, e pela prática de atos temperantes, o homem temperante; sem essa prática, ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom. Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons dessa

maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem. Assim como a saúde destes últimos não pode restabelecer-se com tal tratamento, a alma dos segundos não se tornará melhor com semelhante curso de filosofia”.

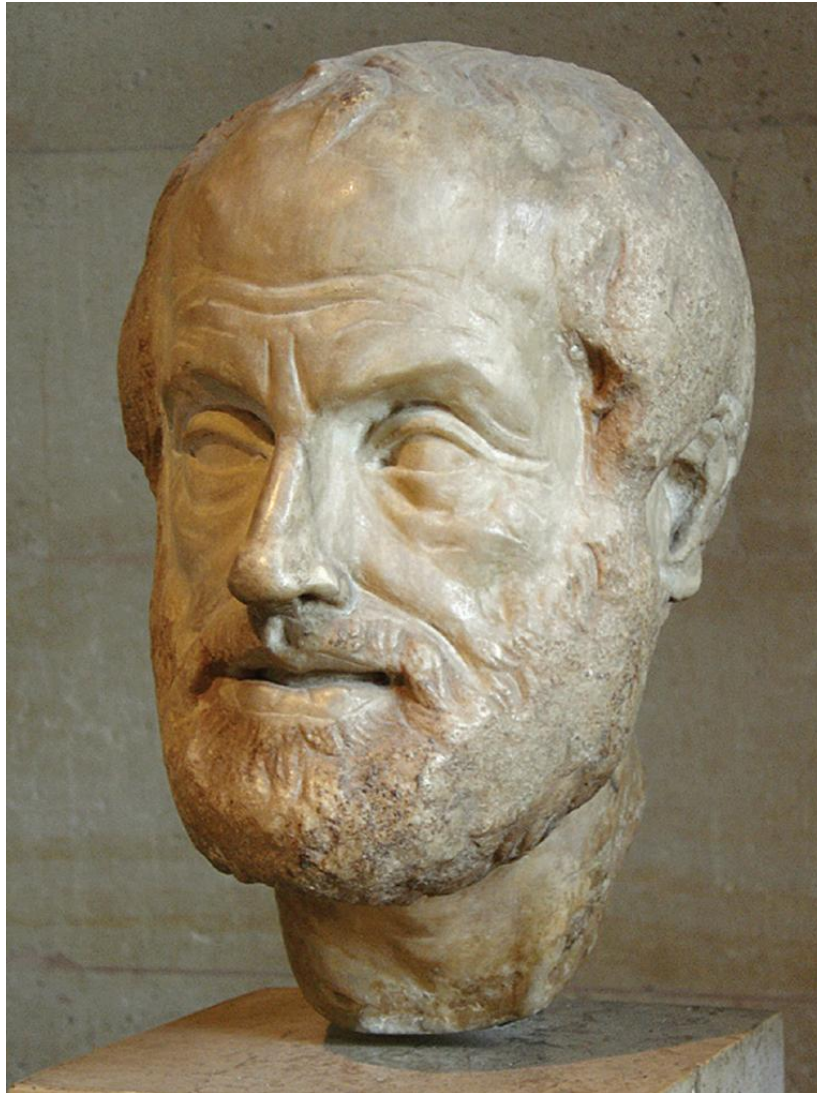


Figura 2: Busto de Aristóteles – 384 a. C. a 322 a. C.

O que Aristóteles nos diz na passagem citada é algo que nos faz pensar até hoje exatamente pela clareza e logicidade do que ele nos diz. Na verdade, ninguém é

de início dotado de qualidades morais. Ninguém é virtuoso, honesto, altruísta ou empreendedor dormindo. É apenas por meio das ações que nos tornamos moralmente quem somos, e é o fato de agirmos de maneira moral, ou seja, virtuosa, altruísta, empreendedora e honesta que nos torna mais propensos a agir de tal maneira no futuro. Trata-se de um círculo virtuoso que todo homem deveria por meio da educação alcançar.

148

<pág. 42>

Verbete

Altruísta

É um termo para designar uma pessoa não egoísta, que está sempre voltada para o outro e que é capaz de se sacrificar pelo outro.

Atividade 2

Assinale com um "C" as argumentações abaixo que lhe parecerem corretas e com um "F" as que você considerar falsas. Oriente-se pela presença de saltos

na argumentação e de conclusões infundadas:

a. Se os doentes em estado terminal puderem usar heroína, todos têm de poder usá-la.

**Porque não se pode criar um privilégio no interior de uma sociedade democrática.
()**

b. Tudo o que possui o seu movimento a partir de um outro experimenta em algum momento a interrupção do movimento. Assim, quando movimentamos uma pedra, jogando-a para o alto, em algum momento ela tende a retornar ao estado de

repouso. Por outro lado, aquilo que tem em si mesmo o princípio de seu movimento não pode deixar jamais de se encontrar em movimento. A alma, por outro lado, diferentemente de todos os corpos, possui em si mesmo o movimento. Portanto, a alma não pode cessar de se mover e é, neste sentido, imortal. ()

c. Um amigo me traiu. Logo, não se pode confiar nos amigos como um todo. Todos eles acabam algum dia nos traindo. ()

d. “Temos de colocar no lugar do amor de deus o amor dos homens, como uma única verdadeira

religião, no lugar da fé em um deus, a fé no homem em si, em sua força, a fé em que o destino da humanidade não depende de um ser fora ou acima dela, mas dela própria, que o único diabo do homem é o próprio homem."

(L. Feuerbach) ()

<pág. 43>

e. Há muitas provas da existência de Deus. Mês passado escutei a história de uma moça com câncer. Sua família rezou por uma semana inteira e, depois de

152

uma operação, ela se curou. Ao mesmo tempo, um amigo estava desempregado há algum tempo. Depois de entrar para a igreja, contudo, sua vida mudou e ele arranhou um emprego. Deus é muito bom. ()

Seção 3

O mundo moderno e a perda da relação direta com o lugar de origem

“Ainda em algumas partes há povos e rebanhos; mas entre nós, irmãos, entre nós só há Estados. Estados? Que é isso? Vamos! Abri os ouvidos,

porque vos vou falar da morte dos povos. Estado chama-se o mais frio dos monstros. Mente também friamente, e eis que mentira rasteira sai da sua boca: 'Eu, o Estado, sou o Povo'. É uma mentira!" (F. Nietzsche, Assim falou Zaratustra, "Do novo ídolo".)

Esta pequena passagem de um dos pensadores mais importantes para a filosofia e mesmo para o mundo contemporâneo, Friedrich Nietzsche, traz consigo uma reflexão sobre a origem do mundo moderno, sobre o surgimento do Estado moderno, sobre a tensão

154

entre o Estado e o povo. O que Nietzsche nos diz basicamente na passagem? Bem, ele não nos diz outra coisa senão que o Estado é uma estrutura formal, sem uma relação direta com aquilo mesmo que constitui propriamente um povo.

Outrora, antes de nosso tempo, havia povos, porque havia uma participação direta dos homens na vida da cidade. Em um burgo medieval, por um lado, por maior que fosse a distância entre o que o senhor feudal tinha o direito de fazer e o que um cidadão comum podia realizar, havia uma identificação imediata do

**homem com a sua terra,
com o seu brasão, com o
seu burgo, com as pessoas
humildes que dividiam com
ele as agruras e os
desalentos de uma
existência dura e seca. No
mundo moderno, por outro
lado, o homem perde essa
relação imediata com o seu**

<pág. 44>

**solo, com a sua terra, com a
sua gente, de tal modo que
a vida social passa a ser
regida por elementos algo
abstratos, sempre carentes
de conquista e**

156

determinação. Vejamos mais atentamente.

É comum para nós reclamarmos do Estado, dos serviços públicos, das decisões políticas, da corrupção etc.

Quando fazemos isso, contudo, normalmente nos sentimos algo desamparados. Por quê? Porque as vias que temos para protestar e reclamar são todas elas formais. Nós nunca temos como chegar diretamente às pessoas que poderiam ou deveriam resolver problemas pontuais, mas dependemos de ouvidorias ou de agências de controle de

**prestadoras de serviço.
Herbert Viana deixou clara
essa situação certa vez em
uma música intitulada**

**“Luís Inácio e os 300
Picaretas”:**

**“Eles ficaram ofendidos
com a afirmação**

**Que reflete na verdade o
sentimento da nação**

**É lobby, é conchavo, é
propina e jeton**

**Variações do mesmo
tema sem sair do tom**

**Brasília é uma ilha, eu
falo porque eu sei**

**Uma cidade que fabrica
sua própria lei**

158

Aonde se vive mais ou menos como na Disneylândia

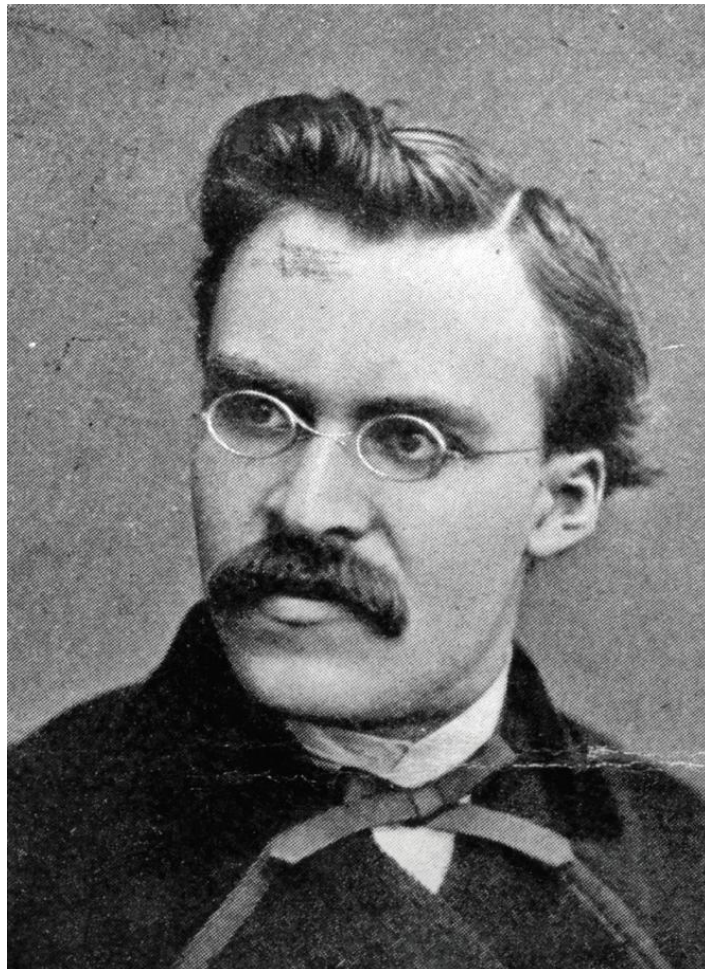
Se essa palhaçada fosse na Cinelândia

Ia juntar muita gente para pegar na saída.”

Ao acentuar a distância de Brasília em relação ao povo, ao mencionar a diferença que existiria se a política tivesse seus escândalos revelados em um lugar próximo do povo, como a Cinelândia, Herbert acaba destacando o problema de todos os Estados modernos: a sua distância, a sua falta de concretude, o seu caráter abstrato, em suma, o fato de

**o Estado ser uma
construção ideal, sem uma
relação direta com as
pessoas. Tudo isso tem
conseqüências para a vida
de todos nós.**

<pág. 45>



160

Figura 3: Foto de Nietzsche em 1869, com vinte e cinco anos. Não há como deixar de notar a força de seu olhar e o aspecto algo sonhador de sua figura.

Saiba Mais

Nietzsche é um dos pensadores mais geniais e ao mesmo tempo mais polêmicos de toda a história da filosofia ocidental. Ele desperta tanto a fúria de alguns por sua ironia, por seu modo ensaístico de escrever, por sua crítica feroz à moral e à religião, como encontra em outros uma relação de quase veneração. De qualquer

modo, porém, o importante é que não podemos pensar o século XX sem os desdobramentos do pensamento nietzschiano, sem a sua avaliação do fenômeno do niilismo, ou seja, da sensação repentina de vivermos em um mundo desprovido radicalmente de sentidos, assim como sem a liberdade a que Nietzsche nos incita. Tudo isso faz de Nietzsche até hoje um dos ícones de nosso tempo.

Atividade 3

a. Procure exemplos em sua própria vida de como o Estado possui hoje, para

162

nós, um caráter abstrato e frio.

b. Partindo desse caráter abstrato e frio do Estado, em que medida esse caráter contribui para o fim da experiência comunitária e para o surgimento do social, ou seja, para a contraposição entre comunidade e sociedade. Pense no exemplo excelente das favelas e de suas leis comunitárias em contraposição ao formalismo do asfalto.

<pág. 46>

c. O que é possível fazer em sua opinião para atenuar o caráter abstrato do Estado, aproximando o Estado da vida concreta de seus cidadãos?

d. Para você, o fato de o Estado possuir uma distância em relação aos cidadãos comuns é um fator de intensificação das tendências de corrupção e da dificuldade de cobrança? Por quê?

Atividade 4

Leia o texto e comente as palavras de Zygmunt Bauman sobre a noção de comunidade:

“(...) numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepende-nos se necessário; as pessoas

ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a

166

fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas.

Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim, temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos. E assim é fácil ver por que a palavra 'comunidade' sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar? Para nós em particular

— que vivemos em tempos implacáveis, tempos

de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos,

<pág. 47>

quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer 'sim', e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em

168

seus escritórios — a palavra ‘comunidade’ soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (BAUMAN, 2009, p. 9).

Seção 4

O niilismo contemporâneo e os dilemas do pensamento político atual

O mundo contemporâneo é marcado por uma série de transformações radicais: o crescimento descomunal das grandes cidades, o

desenvolvimento vertiginoso de novas tecnologias, a experiência de duas guerras mundiais com o emprego de tecnologias que ampliaram consideravelmente o poder de destruição das armas utilizadas, entre muitas outras. Essas transformações, por sua vez, trouxeram consigo consequências decisivas para o homem e para a existência humana em geral. Tratar dessas consequências no âmbito da filosofia política é justamente a tarefa dessa seção.

“O suicídio é a única questão realmente filosófica. Saber se a vida vale ou não a pena ser vivida.” Essas são as palavras que abrem o livro *O mito de Sísifo*, do filósofo francês Albert Camus. Com certeza, alguém pode achar a afirmação do suicídio como a única questão filosófica um exagero de Camus, e ela certamente o é. De qualquer modo, porém, ela nos diz algo que merece toda a nossa atenção. O que Camus está nos dizendo é que o homem contemporâneo repentinamente acordou em um mundo com um

problema fundamental: o problema da justificação da existência, do sentido propriamente dito do existir.

Em verdade, o homem antigo tinha um sentido claramente estipulado para a sua existência. Para ele, viver só tinha sentido a partir da entrega a uma vida heroica e da conquista de um lugar na memória eterna dos homens. O

<pág. 48>

homem medieval, por sua vez, tinha imediatamente um sentido para a sua

existência. Deus fornecia de imediato esse sentido. Viver era se sentir sob o domínio de um poder maior que fornecia desde o princípio as orientações para a existência. O que acontece com o homem contemporâneo é algo marcado por uma perda radical de todo e qualquer sentido. É claro que as pessoas podem continuar se entregando a atividades heroicas. É claro também que elas podem continuar indo a igrejas e vivenciando uma relação de crença com Deus. Tudo isso, contudo, perdeu no mundo contemporâneo a força e a

obviedade que possuíam no mundo antigo e medieval. É por isso que vemos hoje algo como a ligação entre religião e comércio ou entre religião e propaganda. Bem, mas o que tudo isso tem em comum com o termo “niilismo”?

Niilismo é um termo para designar precisamente a situação de perda radical de sentido no mundo contemporâneo, a repentina sensação de que a existência não possui mais nenhuma justificativa imediata, de que todos nós vivemos em um mundo onde os critérios tradicionais de

174

**orientação do homem
caíram por terra. Assim, ele
funciona como o nosso
centro de gravidade, como o
ponto em torno do qual
giram todas as nossas
experiências.**



**Figura 4: Albert Camus
(1913-1960), pensador**

existencialista francês e prêmio Nobel de literatura com a obra *A peste*, em 1957.

O fenômeno do niilismo, por outro lado, torna possível considerar uma série de fenômenos políticos contemporâneos.

Tanto o comunismo quanto o capitalismo são modos específicos de responder ao problema da falta de sentido: o comunismo por meio da promessa de uma resolução de todas as tensões sociais e pela constituição de um estado de

176

<pág. 49>

realização plena dos homens; o capitalismo, pela absorção dos homens em breves sonhos de consumo, aquisição e prazer.

Mas como você se coloca em relação a essa situação? Em que medida a questão acerca do sentido atravessa sua existência?

Atividade 5

Responda às perguntas a seguir e veja até que ponto a questão acerca do sentido está presente em sua vida!

Questão 1: Você já se perguntou alguma vez sobre o sentido de sua existência como um todo? Não apenas sobre o sentido de uma pequena parte, mas de tudo o que está em jogo na existência?

Questão 2: Na sua opinião, como a política pode auxiliar os homens na sua busca por sentido existencial?

Questão 3: Qual a função do trabalho em sua existência? Ele tem para você um sentido maior do que a remuneração ou ele só tem o sentido de pagar as suas contas?

178

Questão 4: Para você, os pequenos prazeres da vida são capazes de dar sentido à sua existência? E o que acontece quando os prazeres dão lugar a desprazeres?

A Unidade 2 tratou da relação originária entre filosofia e política. O que tivemos a oportunidade de ver foi em que medida filosofia e política crescem, a princípio, sobre uma base comum e só posteriormente vão se afastando uma da outra.

Resumo...

Veja os tópicos centrais de nosso estudo:

Nós procuramos mostrar, em primeiro lugar, como a filosofia nasce do fato de o homem grego ter se voltado desde o início para a cidade e de ter descoberto na cidade a necessidade da argumentação.

<pág. 50>

Em segundo lugar, vimos os problemas ligados à argumentação filosófica e à política, os riscos

180

representados pela retórica e pela propaganda.

Em terceiro lugar, analisamos a situação do homem moderno, o desenraizamento e a perda da ligação com a cidade. Assim, pudemos acompanhar a contraposição hoje usual entre comunidade e sociedade.

Por fim, tratamos do conceito de niilismo e de suas implicações sobre a existência do homem contemporâneo.

Veja ainda!

Dicas de leitura e de cinema: há muitas opções

para acompanhar a relação entre política e filosofia, uma vez que o cinema e a literatura trataram muitas vezes dos riscos da ideologia e do fanatismo. Nossas dicas vão na direção de filmes e livros que tratam exatamente desse problema!

. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

. ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

. *A onda*. Filme de Dennis Gansel, com Jürgen Vogel e Frederick Lau, 2008.

182

. *Matrix*. Filme dos irmãos Wachowski, com Keanu Reeves e Laurence Fishburn, 1999.

Referências

. BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

. CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

. NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

. VERNANT, Jean Pierre. A origem do pensamento grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

<pág. 52>

Respostas das atividades

Atividade 1

a. Quando se dá tal mudança, nos vemos imediatamente obrigados a justificar as nossas posições. Não de maneira particular, mas de uma maneira que possa ser seguida por qualquer um. Agora, é preciso, antes de tudo, reconhecer o lugar do outro e entrar na lógica do diálogo, falando e ouvindo as objeções dos outros.

b. Política e filosofia têm aqui um pouco em comum, uma vez que a vida política exige um discurso voltado sempre para o universal, construído para além dos particularismos e aberto para a demonstração rigorosa de posições.

c. Vernant está acentuando aí, antes de tudo, o fato de que não há agora mais nenhum poder legítimo por si, mas todos os poderes precisam se justificar aqui por meio da argumentação e da apresentação de razões.

d. A palavra perdeu agora o seu papel religioso, coberto por uma atmosfera

de sacralidade e verdade absoluta, para conquistar um lugar no interior da vida discursiva, do exercício de fala e escuta que constitui a política em seu caráter filosófico.

<pág. 53>

Atividade 2

a. Falso, pois não se pode tratar casos diferentes como se fossem iguais. Por mais que a democracia assegure igualdade de direitos, doentes terminais precisam ser considerados em sua especificidade.

b. Correto. Por mais que se possa questionar o conceito de alma, a argumentação quanto ao movimento é logicamente correta.

c. Falso, pois o fato de um amigo em particular ter lhe traído não pode ser estendido a todos os amigos.

d. Correto, pois coerente com a posição de euerbach, por mais que possamos discordar de seu ponto de partida.

e. Falso, pois nenhum desses exemplos prova efetivamente a intervenção de Deus.

Atividade 3

a. Exemplos da distância entre o Estado e o cidadão são: a dificuldade de falar diretamente com os responsáveis pelos serviços de água, luz, gás etc.; a distância entre o cidadão e os políticos em geral; a diferença entre a máquina que aplica uma multa em um sinal de trânsito e o sujeito de carne e osso que precisa pagá-la.

b. Viver em sociedade significa, em muito, perder o contato direto com as pessoas e experimentar um conjunto de relações algo abstratas. Para ver isto,

basta pensar no contato que normalmente temos com nossos vizinhos, a dificuldade em quebrar a capa de gelo que nos envolve.

c. É possível pensar em modelos menos abstratos de governo, nos quais a participação popular seja incentivada, modelos como o plebiscito, as organizações não governamentais, a presença dos órgãos públicos nas escolas e a construção de uma vida pública mais aberta.

d. Sim, pois a distância entre políticos e cidadãos torna mais difícil o acompanhamento das

atividades dos parlamentares e, por consequência, uma vigilância mais direta de suas atividades.

<pág. 54>

Atividade 4

O texto de Zygmunt Bauman evidencia o caráter positivo que se encontra incessantemente associado à palavra "comunidade". Diferentemente da sociedade, que evoca em nós um sentimento de frieza e indiferença, a comunidade está sempre associada a

190

algo positivo, à presença calorosa e direta das pessoas que se importam conosco, que sofrem com as nossas dores e se alegram com as nossas alegrias. Exatamente por isso, a comunidade parece um conceito político por excelência, um conceito que deve funcionar para nós como um horizonte e uma direção ideal.

Atividade 5

1. Perguntar sobre o sentido da existência como um todo é uma necessidade para todos nós, algo que nos distingue daqueles que

apenas deixam a vida correr sem reflexão.

2. A política pode auxiliar os homens na busca por sentido existencial, na medida em que ela pode propiciar uma relação mais plena com os outros cidadãos e uma aquisição plena de cultura e educação.

3. O sentido do trabalho não pode se reduzir à remuneração. Quando isso acontece, o trabalho vira um mero modo de manutenção do trabalho, uma pedra que rola sem cessar, mas que sempre retorna para o lugar inicial.

4. Pensar o prazer como o único sentido da existência é, cedo ou tarde, se ver obrigado a experimentar o sem sentido da vida, o sem sentido diante dos desprazeres e aflições incontornáveis que chegam com a doença, a velhice, o fracasso etc.

<pág. 55>

O que perguntam por aí:

ENEM – 2011 – Filosofia:

“Os três tipos de poder representam três diversos tipos de motivações: no

poder tradicional, o motivo da obediência é a crença na sacralidade da pessoa do soberano; no poder racional, o motivo da obediência deriva da crença na racionalidade do comportamento conforme a lei; no poder carismático, deriva da crença nos dotes extraordinários do chefe”.

(BOBBIO, N. *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política*. São Paulo: Paz e Terra, 1999 [adaptado].)

O texto apresenta três tipos de poder que podem ser identificados em momentos históricos

194

distintos. Identifique o período em que a obediência esteve associada predominantemente ao poder carismático:

A) República Federalista Norte-Americana.

B) República Fascista Italiana no século XX.

C) Monarquia Teocrática do Egito Antigo.

D) Monarquia Absoluta Francesa no século XVII.

E) Monarquia Constitucional Brasileira no século XIX.

Resolução

A resposta correta é B, pois na República Fascista

Italiana no século XX o sistema de governo republicano era completamente fundado no poder carismático do líder popular/populista representado por Benito Mussolini.

<pág. 57>

Caia na rede!

Não perca a oportunidade de ver no Youtube os discursos de grandes políticos mundiais como William Churchill e John

196

**Kennedy, além do filme
completo Gandhi, de 1982.**